

WILSON CASTELLO DE ALMEIDA

RODAPÉS PSICODRAMÁTICOS

Subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno



RODAPÉS PSICODRAMÁTICOS
Subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno
Copyright © 2012 by Wilson Castello de Almeida
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Editora assistente: **Salete Del Guerra**
Coordenação editorial: **Betina Leme**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **Elnur/Shutterstock**
Projeto gráfico: **Alberto Mateus**
Diagramação: **Crayon Editorial**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Editora Ágora

Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.agora.com.br>
e-mail: agora@agora.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação – Rodapés. O que é isso?	13
1 Anotações sobre a sexualidade humana	17
2 Psicodrama: paradigma para grupos	69
3 Dados para a compreensão da axiologia e do axiodrama	81
4 A lenda de Prometeu – Emblema psicodramático	93
5 A ironia moreniana	99
6 O sobrenome Moreno	105
7 O inconsciente no psicodrama	111
8 <i>Acting out</i> & <i>acting out</i>	121
9 O protocolo da carta forjada as três éticas	127
10 A catarse de integração	139
11 Subsídios para a leitura de alguns textos de J. L. Moreno	165
12 Religião e psicodrama: ruptura necessária	177
13 O silêncio no diálogo terapêutico.	185
14 Depoimento sobre psicodrama público no Centro Cultural São Paulo	205
Referências bibliográficas	217

PREFÁCIO

Estar à altura do conteúdo de seus textos, da amizade que nos acompanha e da honraria por ter sido escolhido, essa é a grande responsabilidade em prefaciá-lo este livro.

Conheci Wilson no dia em que iniciamos nossa formação em psicodrama na Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP). Eu chegando à frente da casa onde ocorreria nossa primeira aula, ele se aproximando e indagando se eu seria um dos colegas de curso. Simpático, acolhedor, curioso, conversador, carismático. Esse é Wilson, o autor. Aproximar-se do que lhe desperta curiosidade, chegar mais perto daquilo que quer melhor conhecer, integrar-se são características pessoais desse mineiro de Ouro Fino, médico psiquiatra, terapeuta, professor, escritor, figura cativa do movimento psicodramático.

Assim começou nossa trajetória de colegas, amigos, psicodramatistas. São muitos anos de convivência: no curso, em congressos, em eventos no Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas (IPPGC) e também em um grupo de colegas/amigos que se reunia para trocar reflexões teórico-práticas, em que o mais significativo sempre foi o “encontro moreniano”.

Todos reconhecem a importância de Wilson Castello de Almeida no movimento psicodramático brasileiro. *Psicoterapia aberta*, de sua autoria, um dos primeiros livros de psicodrama escritos por brasileiros, ampliado e republicado recentemente, é bibliografia indispensável nos cursos de formação das associadas da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap).

Sempre incentivando colegas a pensar e escrever sobre psicodrama, teve participação fundamental por dez anos na coordenação da *Revista Brasileira de Psicodrama*. Figura imprescindível nos eventos científicos do psicodrama, produziu vários textos que, por ainda não terem sido publicados ou por figurarem em periódicos já difíceis de encontrar, mereciam fazer parte deste novo livro: *Rodapés psicodramáticos: subsídios para ampliar a leitura de J. L. Moreno*.

Ao ser convidado para prefaciá-lo, esse título logo me chamou a atenção. Notas de rodapé são aquelas que oferecem esclarecimentos adicionais, mas, por não se adequarem ao corpo do texto, merecem apenas um pequeno espaço no fim da página. Nós que conhecemos Wilson podemos imaginá-lo ao fazer suas leituras, despertado em seu *ethos* de investigador, pesquisador, estimulado por sua natureza curiosa, levado a debruçar-se sobre vários outros livros, outras fontes a satisfazer sua sede de saber e sua vocação de mestre que quer aprender e ensinar. Toda essa busca ele agora nos oferece, compartilhando sua sabedoria com todos que desejamos complementar o aprendizado da obra moreniana.

Rodapé também é o que delimita a transição entre piso e paredes de um cômodo. Podemos pensar que a teoria/prática socionômica, que vem sendo construída ao longo dos tempos morenianos e pós-morenianos, é um edifício com vários cômodos e andares a alojar os conhecimentos e as experiências que cada vez mais se ampliam. Paredes erguidas, transparentes, possibilitando a interação do que está dentro e do que está fora. Porque o psicodrama se propõe a ser um método aberto, dinâmico, nunca fechado, nunca acabado. Mas diante de tanta transparência é preciso reconhecer seus limites, seu piso, seu chão. Sua conserva, base estrutural para o novo que se apresenta e se constrói. Precisamos de rodapé.

Este é o livro de Wilson Castello de Almeida. Rodapé como complemento, rodapé como demarcação das essenciais fundamentações.

O autor nos mostra bem sua intenção ao escrever, no capítulo “Subsídios para a leitura de alguns textos de J. L. Moreno”: “O professor é aquele capaz de ensinar com prazer aquilo que até então não sabia, podendo compartilhar jubilosamente as descobertas da pesquisa”.

Na leitura de todo o livro, sentimo-nos levados a excursionar por outros saberes, a conhecer velhos e novos vizinhos com quem podemos interagir e dialogar sem perder nossa identidade – pelo contrário, passamos a saber melhor onde é nossa residência, a sair sem nos desorientarmos. O psicodrama propõe a inter-relação, a interação, a vida grupal, a sociometria, e essa é a tarefa de Wilson ao nos apresentar vários pensadores – filósofos, psicólogos, médicos, sociólogos –, outras teorias, outras “escolas”: a abertura para o ser espontâneo-criativo.

Os apontamentos a seguir, que não foram fáceis de fazer – pela riqueza de informações e citações trazidas pelo autor e pelo risco de ser reducionista –, visam apenas sugerir que os leitores também se façam curiosos e desfrutem dos novos conhecimentos.

No capítulo já citado anteriormente, o autor nos dá um exemplo de seu costumeiro interesse em conhecer o desconhecido, em buscar a fonte das citações encontradas nos textos de Moreno. Esclarece-nos os significados das expressões “*deus ex machina*”, “*dramatis personae*” e “*sub specie momenti*”, conta-nos sobre o mito de Siegfried e quem foi o poeta e jornalista Walt Whitman.

Ao longo de todo o livro, é só nos deixarmos levar, como numa viagem turística, tendo Wilson Castello como guia. Em “A lenda de Prometeu – Emblema psicodramático”, vamos rever o titã que confronta os deuses, toma-lhes o fogo, distribui luz para a humanidade e possibilita sua capacidade criativa. Para Moreno, seria o ícone da revolução criadora.

Ao adotar “O sobrenome Moreno”, o que teria levado Jacob Levy a se apropriar do nome de seu pai? Várias especulações poderão ser feitas ao conhecermos sua vida familiar e a importância do nome na tradição judaica. Cultura milenar a influenciar Moreno que, integrando a ironia socrática ao humor judaico, constituirá “A ironia moreniana”, coerência comum a várias manifestações mal compreendidas do criador do psicodrama.

Em “Religião e psicodrama: ruptura necessária”, observaremos Moreno – que ora se identifica com o Jesus profeta, ora com o Cristo salvador – incorporando as mudanças histórico-culturais que o leva-

ram da “religião do encontro” à sociometria e à psicoterapia de grupo. Duas importantes mudanças apresentadas à comunidade científica, tendo como objeto de estudo as relações interpessoais, valorizando as escolhas nas grupalizações, contando com novas estratégias e técnicas de intervenção e uma teoria fundamentada, possibilitam a afirmação: “Psicodrama: paradigma para grupos”. O autor discorrerá, com propriedade, sobre os quesitos preenchidos para enquadrar o psicodrama como uma ciência paradigmática.

Colocando-nos no âmbito clínico das patologias do cotidiano e das atuações neuróticas, reativas e psicopáticas, torna-se imprescindível que tenhamos “Dados para a compreensão da axiologia e do axiodrama”. Verificaremos, também, em “O protocolo da carta forjada – As três éticas”, que os preceitos da ética médica judaica e uma série de outros arrazoados poderão ser utilizados na avaliação das acusações feitas à terapia adotada no “caso Marie”.

Continuando esse passeio, temos “O inconsciente no psicodrama”. Aí, Wilson, fazendo uso de uma ironia provocante, pergunta: “Esse inconsciente existe mesmo?” Ao nos apresentar uma galeria de pensadores sobre o tema, alerta sobre as diferenças entre psicanálise e psicodrama, entre interpretar e dramatizar. Realça que no “[...] contexto do grupo psicodramático, [...] com a liberação da espontaneidade-criatividade, muitas formas de inconsciente poderão vir à luz”.

A exteriorização do que se fazia secreto terá no *acting out* sua forma possível de explicitação. “*Acting out* e *acting out*” repassa a história do uso desse termo, e somos lembrados que no psicodrama o *acting out* acontece no contexto dramático, por meio do desempenho de papéis denominado terapêutico, diferenciando-se do chamado irracional ou do *agieren* freudiano. Essa vivência dramática de exteriorização do afetivo-emocional, despertada pelos movimentos coinconscientes, levará à catarse de integração, um dos objetivos da sessão psicodramática.

Adentrando a prática psicoterápica, o autor contribui com exemplos tirados de sua experiência clínica. Em “Anotações sobre a sexualidade humana”, aborda vários temas atuais que estão a exigir novas reflexões e posicionamentos. São suas estas palavras:

No consultório, permito-me aceitar e acolher o que é posto pela natureza e pela condição humana, sem intenção de promover curas, e sim dar ao paciente a oportunidade de conhecer sua eroticidade peculiar, o contexto de sua subjetividade e a inserção necessária e possível no mundo social, sem adoecimento.

Em outro capítulo, leva-nos para o campo dos atendimentos em psicoterapia individual, cujo transcorrer “O silêncio no diálogo terapêutico”, entre outros acontecimentos, costuma obstruir. Wilson, convencido de que o psicodrama tem sua aplicação maior em contextos grupais, e fundamentado na fenomenologia existencial, utiliza-se do *diálogo terapêutico* como seu método de preferência na terapia bipessoal. O que desencadeia o silêncio, quais as justificativas, hipóteses e estratégias para a retomada do diálogo?

Para finalizar, teremos seu “Depoimento sobre psicodrama público no Centro Cultural São Paulo”, no qual o autor, além das descrições processuais, destacará o grande prazer em retomar seu papel de diretor psicodramático de grande grupo.

Um percurso didático a refletir a singularidade desse livro, em que pensadores, seus nomes e suas ideias vão surgindo naturalmente no desenrolar dos capítulos, constituindo um todo que nos envolve e desperta a vontade de saber mais. Em todos os capítulos há a preocupação em recuperar e consolidar conceitos psicodramáticos apresentando-nos outros olhares, diferentes posicionamentos, clarificando, questionando ou elucidando, dissolvendo mal-entendidos, possibilitando congruências, evidenciando diferenças. O autor, conduzindo-se como um verdadeiro ego-auxiliar, adverte-nos: “Qualquer contribuição que possamos dar à teoria do psicodrama deve nos remeter à intenção original da definição de cada termo, nunca desvirtuando ou distorcendo o conceito formado em sua gênese histórica”. Seus escritos trazem como objetivo maior situar o psicodrama como um conjunto coerente em sua filosofia, dinâmico em sua teoria e prática, tendo uma identidade definida que lhe permita interagir no universo das ciências humanas.

Rodapés psicodramáticos, livro de Wilson Castello de Almeida, nos chega como confirmação da maturidade do psicodrama, uma construção já de muitos andares, com piso firme e paredes transparentes; visual aberto para que apreciemos e sejamos apreciados pelo mundo que nos circunda. Assim se faz a inter-relação, a saúde da ciência.

Parabéns, Wilson. Grato pelo convite. Obrigado pelo livro – obrigatório em nossas bibliotecas.

LUÍS FALIVENE ALVES
Psiquiatra e psicodramatista

APRESENTAÇÃO

RODAPÉS. O QUE É ISSO?

O rodapé, todos sabemos, é uma barra de madeira ou cimento colocada na junção da parede com o piso, dando-lhes acabamento e proteção. Quando jornais, revistas e livros passaram a fazer adendos de corpo menor ao pé da página para explicar ou complementar o texto principal, chamou-se esse recurso gráfico de rodapé.

No século XIX, os jornais, principalmente os do Rio de Janeiro, adotaram rodapés semanais para abrigar integralmente enxertos da crítica literária, com plena aceitação de seus leitores, tornando-se motivo de inúmeras discussões acadêmicas posteriores.

Estudiosos da filosofia afirmam, com certa graça, que essa matéria do conhecimento tomou corpo a partir de uma sucessão de notas de rodapé feitas na obra de Platão. Naturalmente, rodapé aqui ganha valor de metáfora, para identificar tudo o que se escreveu com inspiração nas ideias do filósofo – que, por sua vez, fazia “rodapés” nos ensinamentos oráticos de Sócrates.

Na literatura psicanalítica, os rodapés mais famosos foram os acolhidos por Freud em seus livros canônicos, particularmente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A primeira edição, de 1904, foi seguida de oito edições subsequentes até 1923. A cada publicação, o autor produzia notas de esclarecimento objetivando tornar o primeiro escrito o mais claro possível. Com esses rodapés, ele viria a estabelecer a mais revolucionária teoria sobre a sexualidade humana.

Walt Whitman – chamado de poeta maldito e citado com admiração por J. L. Moreno – escreveu um único livro na vida (*Folhas de*

relva), que teve sete edições entre 1855 e 1891. A originalidade desse esforço intelectual está nas inserções de novos poemas ao surgimento de cada edição. Os temas percorriam vasto campo de reflexão. Sobre o povo e a democracia, a sexualidade e a amorosidade e, também, sobre um fundo sentimento de ligação com a natureza. Seriam verdadeiros rodapés conclusivos da obra.

Nessa sequência exemplar de rodapés, trago um entendimento pessoal sobre a festejada obra de Fernando Pessoa *Livro do desassossego*, tarefa “inacabada e inacabável”.

Tratar-se-ia de um não livro, com surpreendentes impressões existenciais, excitantes crenças da vida subjetiva do autor e especulações filosóficas para levar o leitor a pensar. E mais: considerações de ordem estética, anotações sociológicas, crítica literária e aforismos de autores criados pela mente do escritor. O texto maior compõe-se de segmentos, tudo na forma a lembrar rodapés. Então, permiti-me uma frase inspirada: Os pedaços literários de Fernando Pessoa são os rodapés de sua alma.

Escrevi tudo isso para afirmar, de maneira prosaica, que o que venho publicando, com base em minhas leituras de J. L. Moreno, são nada mais nada menos do que rodapés. Quando me dei conta desse fato, entusiasmei-me a entregar à Editora Ágora o que vai neste livro. Das anotações sobre sexualidade, o primeiro capítulo, ao depoimento sobre o psicodrama público, o último, tudo foi inspirado nos conteúdos e também nas faltas da literatura beaconiana.

Nunca aceitei as críticas desarrazoadas vindas de alguns setores do próprio psicodrama, numa evidente má vontade com as ideias originais de Moreno, todas elas possibilitadoras de inovações no padrão até então usado para o estudo da dinâmica grupal. Ao procurar uma formação psicanalítica, senti que hoje posso afirmar com serenidade o óbvio: “Psicodrama é psicodrama e psicanálise é psicanálise”. Críticas de frágil teor comparativo passaram a não fazer sentido epistemológico para mim. Quero reforçar o time dos que entendem o psicodrama como método de grupo, com o grupo e pelo grupo.

Agradeço à competente editora executiva, Soraia Bini Cury, não só pela simpática acolhida do meu projeto, mas, outrossim, pela marcada e produtiva cobrança de seu desiderato. E também não posso esquecer de Betina Leme, pela primorosa preparação dos originais, numa interlocução instigante e inteligente. Ao conterrâneo e amigo prof. José Fernando Honorato, pela ajuda e presteza de sempre.

Registro a gratidão para com todos os colegas e amigos do movimento psicodramático brasileiro, pelo apoio sempre oferecido à minha pessoa, permitindo-me a entrada profissional e intelectual na vida de São Paulo deste cidadão.

Agradeço ao Luís Falivene o prefácio. Convidei-o por ser expressão reconhecida do psicodrama, um dos líderes da Escola de Campinas, colega solidário e afetuoso amigo.

WILSON CASTELLO DE ALMEIDA
Psicoterapeuta com formação em psiquiatria,
psicodrama e psicanálise

1

ANOTAÇÕES SOBRE
A SEXUALIDADE HUMANA

O preparo para a atividade analítica de modo algum é fácil e simples. Deve exigir, no seu ensino, o máximo possível de ciência da vida sexual.

SIGMUND FREUD, *A questão da análise leiga*, 1926

J. L. Moreno é tido como autor de uma teoria assexuada. Nada mais falso. As escolhas sociométricas estão plenas de sexualidade – especificamente de eroticidade –, ainda quando o critério do teste sociométrico não seja o estudo dessa proposição em si.

José Fonseca, em seu livro *Psicoterapia da relação* (2000), desenvolve com clareza dois excelentes capítulos – “A sexualidade como instrumento relacional” e “Sociometria sexual” –, seguindo as proposições de Moreno atinentes às possibilidades do relacionamento interpessoal: atração, rejeição e neutralidade. E faz proverbial confirmação: “A atração sexual é um componente intrínseco do ser humano. Basta existir pessoas reunidas para ela surgir: na sala de aula, no metrô, na igreja ou no grupo terapêutico”.

Ronaldo Pamplona da Costa, com base em suas experiências de psiquiatria e psicodrama, no livro *Os onze sexos* (1994), traz ao conhecimento do leitor a existência de inúmeras versões da sexualidade humana. São quadros descritivos, com referências da biologia, da psicanálise e da antropologia cultural, coroados com o registro sobre direitos políticos desses agrupamentos, na perspectiva do psicodramatista.

Pierre Weil, precursor do psicodrama no Brasil, chama a atenção, no livro *Mística do sexo* (1976), para o fato de que a natureza erótica

humana, sua estrutura psicofisiológica e a energia libidinal são universais, presentes em homens e mulheres de todos os continentes, de todas as raças e etnias, valendo para qualquer condição socioeconômica. E vai além, fazendo provocações: a sexualidade não é diferente entre católicos, protestantes, judeus, maometanos, budistas e seguidores de outras crenças.

Com base nessas evidências, permiti-me escrever as anotações que passo ao leitor.

Em virtude da extensão e da complexidade da matéria, montei o escrito com divisões didáticas, com a finalidade de informar, esclarecer e dar subsídios para reflexão àqueles que se iniciam nesse estudo. O leitor benevolente unirá as peças do quebra-cabeça, dando uniformidade à temática. Desejo-lhe sucesso nesta leitura.

INTRODUÇÃO

A evolução sexual deu-se, num primeiro momento, nos primórdios da humanidade, em passos cadenciados. Entre o final do século XIX e o início do século XX, recebeu impacto de tal ordem e com tal velocidade que o entendimento do que acontecia foi colocado em risco; verdadeira revolução dos costumes.

Freud abriu a caixa de Pandora, não se comprometendo a apresentar soluções. À medicina só restou tratar das disfunções psíquicas e das angústias egodistônicas causadas pelo furor da ruptura moral e comportamental da sociedade, continuamente esgarçada em seu tecido de sustentação.

Fora o pouco espaço deixado para as intervenções da psiquiatria, da psicanálise e do psicodrama, a questão sexual tornou-se responsabilidade política e ética da estrutura social. Nessa perspectiva, a leitura obrigatória é a obra de Michel Foucault¹ (1977-1984) sobre o tema.

1 O filósofo espanhol José Antonio Marina (2008, p. 38) quebra a unanimidade em torno de Foucault, afirmando, entre outras apreciações: “É autor de grande talento mas com pouca clareza conceitual”.